

## O CONTO A ENXADA DE BERNARDO ÉLIS E PRECEITOS MORAIS: O HOMEM DO CAMPO ENTRE A FRONTEIRA DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E HISTÓRICA

*THE SHORT STORY A ENXADA BY BERNARDO ÉLIS AND MORAL PRECEPTS: THE COUNTRY MAN BETWEEN THE FRONTIER OF LITERARY AND HISTORICAL REPRESENTATION*

**Cleiton Oliveira**

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)  
cleiton192@gmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo apresenta o personagem Supriano (Piano) do conto A Enxada, de Bernardo Élis, como representante das qualidades morais – da “nobreza rural” – apontadas por Oliveira Vianna – sendo elas a fidelidade à palavra dada, a probidade, a respeitabilidade e a independência moral.

**Palavras-chave:** Bernardo Élis. Conto *A Enxada*. Oliveira Vianna. História e Literatura. Nobreza Rural.

---

**Abstract:** This article presents the character Supriano (Piano) from the short story A Enxada, by Bernardo Élis, as a representative – of the "rural nobility" – moral qualities pointed out by Oliveira Vianna – the fidelity to the given word, probity, respectability and moral independence.

**Keywords:** Bernardo Élis. I count *A Enxada*. Oliveira Vianna. History and Literature. Rural Nobility.

---

### Introdução

Tais costumes e usanças devem hoje parecer absurdos e, dada a atual desorganização da família rural, dificilmente os compreendemos. É, porém, da sua realidade no passado, da sua atuação durante três séculos, que resultam esses admiráveis atributos, cuja excelência tanto distingue, entre as outras classes do país, a nobreza dos campos. Esses costumes rústicos e austeros são os moldes em que se educam as novas gerações no culto da honradez, da dignidade, da probidade, do respeito à velhice e nesse precioso zelo pela moralidade do lar, tão característico das nossas gentes rurais.

Oliveira Vianna

O presente texto, em suas linhas originais, é fruto de um trabalho de conclusão da disciplina História Regional III: Goiás na República, do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás, ministrada pela professora Maria do Carmo Ferraz Tedesco, em 2002.

Dessa forma, faz-se pertinente analisar o percurso histórico da ocupação fundiária de Goiás, passando pelos diferentes períodos de nossa História – colonial, imperial e republicana. Foi-nos apresentado, do ponto de vista marxista da História, a luta de classe travada durante todos os períodos, culminando com as ditas “organizações sociais” de luta e resistência da segunda metade do século XX.

Embebidos, portanto, de uma corrente de História denominada de História das Ideias e História Cultural, optamos por trazer ao debate da disciplina outros enfoques, dentro das limitações impostas, pois, necessariamente, deveríamos usar alguns textos trabalhados no decorrer do curso e outros de escolha livre, estabelecendo diálogo entre eles. O presente texto é uma adaptação do texto apresentado naquele momento.

Assim, sob o viés do folclore, da literatura, sobretudo do regionalismo goiano, essa temática sempre esteve sob nosso apreço e interesse. Foi aí que decidimos, no trabalho de final de módulo, abordar o conto *A Enxada*, de Bernardo Élis, trazendo para o centro das discussões o homem do campo apresentado por David J. Caume (CAUME, 2001), uma das bibliografias obrigatórias, em que o autor nos apresenta as quatro qualidades do homem do campo defendidas por Oliveira Vianna no livro *Populações Meridionais do Brasil*.

Oliveira Vianna, sociólogo fluminense, destaca as qualidades da elite agrária, sobretudo presentes nos troncos paulista e mineiro da formação do fazendeiro. Tendo essa bibliografia em foco e uma leitura do livro de contos de Bernardo Élis, *Veranico de Janeiro*, e a vivência familiar na condição de camponês goiano, da qual sou fruto, meu objetivo foi analisar as qualidades morais presentes, não na elite agrária, mas no homem simples do campo, contidas no conto de Bernardo Élis. Assim, buscamos no personagem Supriano (Piano) as qualidades apontadas pelo sociólogo patricio.

Para tanto, estruturamos nosso texto em três partes: primeiramente, partimos de uma breve apresentação biográfica de Bernardo Élis. Em seguida, fizemos algumas considerações sobre o conto “A Enxada” e, por último, uma abordagem das representações morais do

homem do campo, apresentando tanto os conceitos de Oliveira Vianna, quanto essas características presentes no personagem Supriano.

### **Bernardo Élis – o autor**

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em Corumbá de Goiás (GO), em 15 de novembro de 1915. Filho de Érico José Curado e de Marieta Fleury Curado, fez as primeiras letras em casa, com os pais, e deu continuidade aos estudos no Lyceu de Goyaz, tendo feito, ainda, o curso jurídico em Goiânia, capital de Goiás.

Bernardo Élis é considerado uma das maiores expressões literárias de Goiás. Advogado e professor, ocupou cargos públicos na capital e lecionou literatura em diversos estabelecimentos de ensino médio e superior. Foi reconhecido, sendo contemplado com inúmeros prêmios, tanto a nível regional quanto nacional. É dono de uma vasta produção intelectual, predominantemente ficcional, que teve início com a publicação do livro de contos *Ermos e Gerais*, de 1944, publicado pela Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos. Bernardo Élis foi o primeiro autor a ser publicado por esse prêmio literário instituído pela prefeitura de Goiânia, em 1944.

Pertenceu à União Brasileira de Escritores de Goiás, à Academia Goiana de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e à União Nacional de Escritores de Brasília. Participou ativamente dos acontecimentos literários que se promoveram no país. Em 1975 tomou posse na Cadeira nº 01 da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro goiano a fazer parte dessa consagrada instituição das letras brasileiras.

Produziu uma literatura de cunho social e foi militante do Partido Comunista do Brasil, o que lhe rendeu algumas dificuldades e, não obstante, teve apoio de grandes nomes tidos como conservadores, caso de Barbosa Lima Sobrinho, Alceu Amoroso Lima – Tristão de Athayde – (herdeiro do conservadorismo católico de Jackson de Figueiredo), de Herberto Sales, dentre outros<sup>1</sup>.

Faleceu em 30 de novembro de 1997, aos 82 anos de idade.

### **O Conto – A Enxada**

<sup>1</sup> Os nomes aqui indicados foram apontados por Enid Yatsuda Frederico na apresentação da autobiografia de Bernardo Élis, *A Vida são as Sobras*. (ÉLIS, 2000, p. 12)

A Enxada, conto publicado no livro *Veranico de Janeiro*, de 1966, pela editora José Olympio, retrata a peregrinação de Supriano (Piano) em busca de uma enxada com a qual pudesse plantar uma lavoura de arroz em terras de um senhor Elpídio Chaveiro, a quem Piano, juntamente com a mulher portadora de deficiência física, e o filho, com deficiência mental, tinham sido entregues pelo delegado para pagamento de uma dívida. Com a condição de que “Supriano tinha que trabalhar até o fim da dívida”.

O conto se desenrola em um clima angustiante, cujo instrumento básico da lida com a terra é negado a Supriano, que apesar de todas as tentativas, não o consegue, o que o leva à loucura e a ser assassinado por ordens do patrão.

Almeida (1985) faz um importante trabalho de interpretação do conto e destaca que o estado “psicológico de Piano se alterava a cada dia, a cada hora; nem dormindo ele se livrava da obsessão, porque sonhava que conseguira a enxada e a havia perdido” (ALMEIDA, 1985, p. 49). E segue a autora: “[a] loucura vinda da impiedade do homem contra o homem; em cena, o homem coronel e o homem humilde” (ALMEIDA, 1985, p. 50). Destaca ainda que, por meio do conto *A Enxada*, “com caracteres fortes de pintor original, ele [Bernardo Élis] pincelou, no quadro de nossas letras, o drama da realidade brasileira”. (ALMEIDA, 1985, p. 51). Uma realidade que priva do básico do direito natural os despossuídos de títulos, de berço, em uma mentalidade que deixa ranços visíveis em nossa sociedade ainda hoje.

A Enxada é um primor de nossa produção literária. O drama levantado por Bernardo Élis é um grito que evidencia a injustiça, as mazelas de nossa sociedade. Mas não deixa de ser também um libelo a dizer, como fez Euclides da Cunha, que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2003, p. 77). Dando-lhe os meios, as condições, libertando-o das amarras que a sociedade lhe impõe, ele conquistaria sua autossuficiência, pois os brios ele possui, como deixa transparecer<sup>2</sup> em vários momentos do texto que trabalharemos a seguir.

### **A Enxada – sob uma tentativa de uma abordagem histórico/social**

A estrutura fundiária em Goiás e no Brasil foi sempre marcada pela presença dos donatários, do latifúndio, do coronel – e em sua volta o escravo, agregados, peões, meeiros e outras formas de trabalho afastadas do vínculo capitalista de remuneração salarial.

<sup>2</sup> Um dos exemplos presentes no texto: “Num matei, num buli com muié dos outros, gente. O que eu quero é uma enxada para mode lavourar. E num quero de graça não. Agora não posso pagar, mas a safra taí mesmo e eu pago com juro!” (ÉLIS, 2006, p. 59)

A consolidação e a manutenção dessa estrutura até um período bem recente de nossa história, com poucos movimentos de resistência por parte dos trabalhadores do campo (sobretudo no pós-escravidão), podem estar vinculadas a uma forma de pensamento – ou de posicionamento desse homem rural – perante a vida e a forma como se relacionava com seu meio e sua condição de subsistência.

Partindo do perfil do “homem rural” apontado por Vianna (1952, p. 69-70) destacam-se quatro qualidades, que no dizer do autor de *Populações Meridionais do Brasil*, seriam “índices infalíveis de nobreza” – que

possui o nosso homem rural, cuja influência na nossa história política é imensa: quatro qualidades que constituem o mais genuíno florão da nossa nobreza territorial. Uma é a fidelidade à palavra dada. Outra, a probidade. Outra, a respeitabilidade. Outra, a independência moral. (VIANNA, 1952, p. 69/70).

Oliveira Vianna destaca ainda que, dessas qualidades, as duas primeiras estão difundidas em toda a população rural, mas que “onde se fazem preexcelentes e fulgem com brilho inconfundível é na nobreza fazendeira”. (VIANNA, 1952, p. 70). Nesse ponto discordamos do sociólogo patricio, que tem méritos em contrapor a tendência de amesquinhar nossas origens luso-hispânicas, dando um perfil de nobreza a uma massa de colonizadores, em contraposição à ideia de degradados e vis. Mas quando renega ao povo simples do campo a qualidade de respeitabilidade e independência moral, não tinha em vista o homem simples do campo dessas nossas paragens goianas, que mesmo não tendo quase nada de seu, não lhe falta a respeitabilidade<sup>3</sup>.

Muitas vezes a humildade e a condição de subjulgado – como tão bem pinta Bernardo Élis na figura de Supriano – dão a sensação da falta de “independência moral” nesse homem simples que parece incapaz de levantar a cabeça diante dos senhores. Mas a ausência dessa característica não se aplica incondicionalmente ao nosso personagem, como se verá adiante.

Oliveira Vianna (1952) aponta que essa “independência moral” é fruto da contribuição de nossa formação peninsular, intensificada pelo regime de latifúndios assumido pela nossa formação histórica de ocupação do espaço. Logo, essa característica é de uma elite, de um

---

<sup>3</sup> Oliveira Vianna destaca que “esse sentimento de decoro pessoal é peculiar à alta classe agrícola. O baixo povo rural não o possui. Ao contrário do que acontece com os camponeses peninsulares, pode-se dizer, de um modo geral, que não há, entre nós, nos campos, nas camadas inferiores, homens graves: o elemento mestiço, que prepondera na plebe rural, não prima de modo algum pela respeitabilidade.” (VIANNA, 1952, p. 74). Desse postulado discordamos frontalmente, e as ideias contidas nesse trabalho, tendo em vista a figura de Supriano, que temos como um exemplo de camponês goiano, corroboram.

senhor habituado a ser o centro das atenções, tanto dentro de casa (fazenda) na condição de figura patriarcal, quanto na vila, sob os auspícios de mandatário político<sup>4</sup>.

Sob as perspectivas da “nova historiografia”, tudo o que ocorreu deve ser objeto de interesse do historiador. E o leitor dotado do espírito crítico deve saber que a história nada mais é que um discurso; e que os discursos, como se compreende, são repletos de lacunas. Assim, a literatura passa a constituir um modo de registro da memória e pode manifestar-se em formas altamente elaboradas. O texto literário pode resultar altamente significativo para a compreensão mais profunda de uma determinada fase da História. É o caso do texto de Bernardo Élis, que vivenciou como sujeito e como pesquisador o contexto rural goiano do século XX.

Nesse sentido podemos perceber, seguindo as pistas do professor Eugênio Rezende de Carvalho (CARVALHO, 2011), que esse objeto pode ser historiado, e o elemento de tal história consistiria nas ideias de Bernardo Élis como processo de reflexão sobre a sua própria realidade social e histórica, mesmo que usando como plataforma a literatura, que ao nosso ver, tira do texto os entraves linguísticos causados por uma linguagem demasiada acadêmica. Essa linguagem, muitas vezes repleta de conceitos, excesso de fontes e de diálogos entre teorias, torna o texto enfadonho ao leitor não habituado ou alheio a esse ambiente lexical.

Entendemos que a História, servindo-se de tal fonte literária, pode ser usada como recurso para compreender a originalidade de uma mentalidade recriada em contexto americano, brasileiro, sertanejo, goiano. É uma faceta do homem ambientado no sertão, que a arte tão bem o pinta e que Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Guimarães Rosa e alguns outros retratam com primor.

Nesse sentido, entendemos que o texto literário tem um gosto estético assumido pelo autor, mesmo que possa ser fruto de uma pesquisa, de uma vivência:

Não se trata de um texto que, enquanto ficção, tangencia o histórico porque utiliza informações verídicas que, eventualmente, são objeto da História, mas de um discurso que, em sua execução e propósitos, se revela organizador da História por intermédio do ficcional (SILVA, 1989, p. 26)

---

<sup>4</sup> No dizer do sociólogo: “(...) os latifúndios dão à classe fazendeira uma fortuna imensa e um prestígio excepcional. Habitua-na, demais, a exercer um poder considerável sobre uma grande massa de homens. São, pois, escola de educação da classe no sentimento do orgulho e no culto da independência moral” (VIANNA, 1952, p. 74)

Tendo essas noções, focamos o conto de Bernardo Élis, procurando vislumbrar algumas das características de “nobreza rural”, não no coronel Elpídio Chaveiro, talvez representante da elite sertaneja, mas em Supriano (Piano), uma grande expressão literária do modo de vida do caipira goiano.

Em seu primeiro parágrafo, o texto já nos dá uma grande pista do perfil psicológico de Piano: “não sei adonde que Piano aprendeu tanto preceito – pensava dona Alice. E ninguém podia tirar sua razão. Supriano era feio, sujo, maltrapilho, mas delicado e prestimoso como ele só.” (ÉLIS, 2006, p. 47). Em toda a sua simplicidade, Piano era dotado de um alto padrão moral, impregnado de um tradicionalismo que regia a vida do homem do campo em um tempo em que a palavra valia por contrato, e a presteza uma qualidade sempre apreciável:

Estava em jejum desde o dia anterior, porém mentiu que havia almoçado. Com o cheiro do de-comer seu estômago roncava e ele salivava pelos cantos da casa, mas não aceitou a bóia. É que Piano carecia de uma enxada e queria que seu Joaquim lhe emprestasse. Na sua lógica, achava que se aceitasse a comida, seu Joaquim julgava bem pago o serviço da arrumação do capado e não ia emprestar-lhe a enxada. (ÉLIS, 2006, p. 47-48).

Assim pensava porque assim agiria – uma obrigação se paga com outra obrigação, em terras de pouco dinheiro em circulação. Nem almoço nem enxada Piano consegue com seu Joaquim, mas com a atitude desse podemos perceber uma outra faceta em Supriano – o padrão de respeito: “Seu Joaquim saiu assim de supetão, com coisa que estivesse avexado, até com agravo para Piano, o qual pensou consigo que um homem não deve de tratar outro por essa forma, que é faltar com o preceito da boa maneira”. (ÉLIS, 2006, p. 48).

Honradez o personagem de Élis tinha de sobra – “Sou honrado, capitão. O que devo, pago. Mas em antes preciso de enxada mode plantar” (ÉLIS, 2006, p. 58). E na ânsia de conseguir tal instrumento, quase sufocado pelo desespero de não o conseguir, é tomado por um pensamento desleal: roubar uma enxada; “mas a ideia é sufocada ante a lembrança do que sucedera a diversos amigos que tiveram a infelicidade daquele gesto. Também, sua moral lhe tolhia tal pensamento.” (ALMEIDA, 1985, p. 48-49)

Apesar de todo o seu sofrimento, de seu desespero perante a possibilidade de conseguir a enxada com o padre estar frustrada, Piano ainda mostra uma característica humilde: “reconhecia o empenho do padre, mas não pretendia dar-lhe maiores trabalhos. Deixasse aquilo. Que se podia fazer? Melhor entregar para Deus, que é pai.” (ÉLIS, 2006, p. 56)

Ainda que Supriano tivesse empreendido tanto empenho, nada conseguiu. O personagem passou pela humilhação de ter sido preso, ter sido arrastado, deixado dois dias sem comer na cadeia, de toda incompreensão, do cansaço, das “dores nas munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, revolta inútil, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro” (ÉLIS, 2006, p. 58), ao chegar em casa, Piano encontrou a mulher e o filho, sem se alimentar há dois dias: “...inteirando dois dias que nós tá fazendo cruz na boca” (ÉLIS, 2006, p. 61), diz a mulher ao marido, e segue (...) “inda se tivesse graxa a gente comia esse arroz daí – continuava Olaia espasmodicamente a falar e, com o beíço inferior esticado, indicou as duas sacas de sementes que Elpídio ali deixara para a planta”. (ÉLIS, 2006, p. 62). E o medo de que se isso acontecesse levou Piano a olhar, apalpar as sacas e as percebe intactas.

Evento histórico análogo, dois dias de fome, sem poder tocar no que lhes pertencia, e eis um sentido moral que levou muitos dos agentes “revolucionários” do Partido Comunista a se deparar com as dificuldades de se infiltrar, com seus princípios, no campo. O homem do campo daquele contexto não estava para a revolução, mas para a conquista de seu sustento arraigado de uma forte tradição – muito próximo das quatro características apontadas por Oliveira Vianna. Essa é uma lição que está muito mais presente na literatura do que nos textos historiográficos de onde o historiador, ou o cientista social, pode beber e incorporar valiosos preceitos nas produções acadêmicas.

## Bibliografia

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. “A Política de Terras: tentativas de ordenação da propriedade fundiária (1850-1910)”, *Estrutura Fundiária em Goiás: consolidação e mudanças (1850-1910)*, Goiânia, Ed. UCG. 1993, p. 23-48.

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudo Sobre Quatro Regionalistas: Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério*. Goiânia, Ed. UFG, 1985, Coleção Documentos Goianos, 15.

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Presença Literária de Bernardo Élis – antologia*. Goiânia, Ed. UFG, 1970.

CARVALHO, EUGÊNIO Rezende de. “A dupla dimensão do movimento latino-americano de história das ideias”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, v. 31, no.61, 2011, p. 297-315.



CAUME, David J. *As sombras do latifúndio: implicações da estrutura agrária na formação da sociedade brasileira*. Goiânia, Revista da Universidade Católica de Goiás, 2001 v. 28, n. 5, 0861-0888.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo, Ed. Nova Cultura, 2003.

ÉLIS, Bernardo. *A Vida São as Sobras: autobiografia*. Goiânia, Ed. Kelps, 2000.

ÉLIS, Bernardo. *Veranico de Janeiro: contos*. 6ª edição, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1987.

\_\_\_\_\_. *Veranico de Janeiro: contos*. Goiânia, Ed. ECBC, 2006, Biblioteca Clássica Goiana – Século XX, v. II.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago: entre a história e a ficção – uma saga de portugueses*. Lisboa, Ed. Dom Quixote, 1989.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. “Reforma Agrária – histórico”, *A CONTAG e a Reforma Agrária: um estudo sobre a estrutura sindical formal e as lutas camponesas*, Goiânia, Ed. UFG, 1995, (Dissertação de Mestrado), p. 26-37.

VIANNA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil – história, organização, psicologia*. 5ª edição, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1952, volume I.

---

## **SOBRE O AUTOR**

### **Cleiton Oliveira**

Bacharel e licenciado em História, especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Goiás. Professor da rede estadual de ensino. Sócio Correspondente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE).

---

*Recebido para publicação em outubro de 2020*

*Aprovado para publicação em novembro de 2020*